

Leves e de um azul metálico, movidas por uma brisa contrária suave, quase imperceptível, as ondas do mar Adriático rolavam ao encontro da armada imperial, quando esta, tendo à esquerda as colinas rasas e cada vez mais próximas da costa calabresa, se dirigia para o porto de Brindisi e então, quando a solidão do mar cheia de sol, mas mesmo assim tão prenunciadora de morte, deu lugar à pacífica alegria da actividade humana, quando as águas, suavemente brilhantes com a proximidade da existência de homens e das suas casas, se povoaram de variadíssimos barcos, uns que também se dirigiam para o porto, outros que dali saíam, então, quando os barcos de pescadores com as suas velas castanhas estavam precisamente a sair dos pequenos molhes de todas as inúmeras aldeias e povoações ao longo da orla salpicada de branco, para se dirigirem à sua pesca nocturna, então a água ficou quase tão lisa como um espelho; como uma madreperla, abriu-se por cima a concha do céu, anoitecia, e sentia-se o cheiro a lenha das lareiras, sempre que o vento trazia os sons da vida, uma martelada ou um grito, desde a costa até ao mar.

Dos sete navios de alto bordo, que seguiam em fila uns atrás dos outros, só o primeiro e o último, ambos panteras delgadas, com esporões cravados, pertenciam à frota de guerra; os restantes cinco, mais pesados e imponentes, com dez ou doze filas de remos, tinham a estrutura sumptuosa que convinha à corte do Augusto, e o do meio, o mais faustoso, com a proa chapeada a bronze reflectindo um brilho dourado e as cabeças de leões com argolas por baixo da amurada reflectindo o mesmo brilho dourado, os ovéns com flâmulas multicolores, trazia, sob velas cor de púrpura, a grande e solene tenda do César. Mas no navio que vinha imediatamente atrás encontrava-se o poeta da *Eneida* que tinha o sinal da morte desenhado na frente.

Entregue ao enjoo, mantido em tensão pela constante ameaça de novo enjoo, não tinha ousado mexer-se durante o dia inteiro, mas, se bem que preso ao leito que tinham preparado para ele no meio do convés, sentia agora o seu eu, ou antes o seu corpo e a sua vida corporal, que já há muitos anos mal reconhecia como sua, como uma única recordação, um esforço para sentir e saborear de novo o relaxamento que o invadiu de re-

pente ao alcançarem a zona costeira, mais amena, e este cansaço inundante que, acalmado, acalma, talvez se tivesse transformado numa felicidade verdadeiramente completa se não tivesse surgido de novo, apesar do ar marítimo saudável e revigorante, a atormentadora tosse, a prostração causada pelas febres que lhe vinham todas as noites e a angústia que todas as noites o assolava. E assim jazia ele, ele, o poeta da *Eneida*, ele, Publius Vergilius Maro, ali jazia ele, pouco consciente, quase envergonhado por causa do seu estado desamparado, quase em fúria por causa de um tal destino, a olhar fixamente a abóbada madreperola da concha celeste: porque é que ele tinha cedido à pressão do Augusto? Porque é que tinha deixado Atenas? Desaparecida estava agora a esperança de que o céu de Homero, sagradamente alegre, pudesse favorecer a conclusão da *Eneida*, desaparecida estava agora qualquer esperança no incomensurável novo que deveria ter começado de seguida, a esperança na vida longe da arte, liberta da poesia, dedicada à Filosofia e à Ciência na cidade de Platão, desaparecida estava a esperança de poder voltar a pisar a terra iónica — oh!, desaparecida estava a esperança no milagre do conhecimento e na cura através do conhecimento. Porque tinha ele renunciado a isso? De livre vontade? Não!, tinha sido como que uma ordem das irresistíveis forças da vida, dessas forças irresistíveis do destino, que nunca desaparecem totalmente, muito embora possam mergulhar por vezes no subterrâneo, no invisível, no inaudível, mas que continuam presentes e intactas como ameaça impenetrável dos poderes a que nunca se pode fugir, a que sempre nos temos de subjugar: era o destino. Ele tinha-se deixado levar pelo destino, e o destino levava-o em direcção ao fim. Não tinha sido sempre esta a forma da sua vida? Tinha alguma vez vivido de outro modo? Será que a concha em madreperola do céu, será que o mar da Primavera, será que o canto dos montes e o que dolorosamente lhe cantava no peito, será que o som da flauta do deus alguma vez teria tido outro significado para ele do que um acontecimento, que, qual vaso das esferas, o receberia em breve, para o levar ao infinito? Era camponês de nascimento, um homem que ama a paz da existência terrena, um homem que parecia feito para uma vida simples e segura na comunidade rural, um homem a quem, pela sua origem, poderia ter sido concedido o poder ficar, o dever ficar, e a quem, no entanto, por força de um destino mais alto, e se bem que sempre preso à sua terra, não foi permitido ali ficar; tinha-o arrancado da comunidade e lançado para dentro da solidão mais selvagem, mais cruel e mais nua do formigueiro humano, tinha-o expulsado da simplicidade das suas origens, tinha-o espantado para o longe, para uma multiplicidade cada vez maior e se por isto mesmo houve qualquer coisa que se tornara maior e mais vasta, era apenas a distância da própria vida, porque na verdade só esta tinha aumentado: apenas na orla dos seus campos tinha ele andado, apenas na

orla da sua vida tinha ele vivido; tinha-se transformado num ser sem descanso, fugindo da morte, a morte buscando, buscando a obra, da obra fugindo, amante, e por isso mesmo acossado, errante através das paixões do íntimo e do exterior, hóspede da sua vida. E hoje, quase no fim das suas forças, no fim da sua fuga, no fim da sua busca, quando tinha vencido os obstáculos e se tinha aprontado para a despedida, quando tinha conseguido a disposição e estava pronto para assumir a derradeira solidão e a iniciar o regresso íntimo até ela, então o destino, com os seus poderes, de novo o tinha forçado, de novo lhe tinha torcido o caminho, entortado em direcção à multiplicidade do exterior, tinha-o obrigado a regressar ao mal que sombreara toda a sua vida, sim, era como se o destino apenas tivesse a única simplicidade que lhe restava — a simplicidade da morte. Por cima dele, as vergas rangiam no cordame, de vez em quando havia um brando ribombar vindo das velas, ouvia a espuma deslizar na esteira e a pancada de prata que jorrava a cada retirar dos remos, ouvia o ranger pesado que estes faziam nos toletes, sentia o corte ruidoso da água quando os remos voltavam a mergulhar, sentia o avanço regular do barco a compasso das centenas de remos, via deslizar a linha da praia, branca de espuma, e pensava nos corpos de escravos silenciosos, acorrentados no casco do navio, tonitruante, fedorento, sufocante. Vinha, dos dois navios mais próximos, do que estava imediatamente atrás e do que vinha a seguir, o mesmo solavanco compassado, salpicado de espuma, com um surdo ruído semelhante a trovoadas, que se espalhava pelo mar e a que todos os mares respondiam, qual eco, porque era assim que por todo o lado eles seguiam, carregados de homens, carregados de armas, carregados de cereais e de trigo, carregados de mármore, de azeite, de vinho, de especiarias, de seda, carregados de escravos, por todo o mundo que troca e faz comércio, entre as muitas depravações do mundo uma das piores. De facto não se transportavam aqui mercadorias, mas panças, a gente da corte; toda a parte de trás do navio até à popa tinha sido reservada para a sua alimentação, desde o alvorecer havia ali ruídos de refeições e multidões vorazes continuavam a cercar o salão de refeições, à espreita, a ver se havia um lugar vazio num tricínio, prontos para se atirarem para ele após luta com os rivais, ávidos por ali se inclinarem para, por sua vez, poderem começar a refeição ou a ela voltarem de novo; os criados, rapazes ligeiros, adornados com elegância, muitos deles bem bonitos, mas agora suados e cansados, nem tinham tempo para respirar, e o seu chefe, sempre a sorrir, com um olhar frio no canto dos olhos, e as mãos diplomaticamente abertas para a gorjeta, mandava-os constantemente para lá e para cá, corria ele próprio lá para cima, para o convés, e voltava a correr lá para baixo, porque, além da azáfama do festim, não era pouco o que havia a fazer para os que — milagrosamente numerosos — já pareciam saciados e se divertiam agora

de outra maneira, muitos deles passeando de um lado para o outro, com as mãos diante da barriga ou atrás no rabo, muitos outros, pelo contrário, discutindo com gestos largos, muitos ainda dormitando ou ressonando nas cadeiras de repouso, a cara tapada com a toga, outros então sentados à volta de tabuleiros de jogos, tinham de estar sempre a ser satisfeitos com pequenos petiscos, que ao longo do convés eram servidos em grandes bandejas de prata, em atenção a uma fome que em qualquer momento se pudesse fazer sentir, em atenção a uma gula que lhes ficava gravada no rosto a todos eles, inapagável e inequívoca, tanto aos gordos como aos magros, aos vagarosos como aos lestos, aos que se passeavam como aos que ficavam sentados, aos que se mantinham acordados como aos que dormiam, por vezes cinzelada, por vezes esculpida, em traços duros ou brandos, malévola ou bonacheirona, fazendo lembrar por vezes um lobo, uma raposa, um gato, um papagaio, um cavalo, um tubarão, mas sempre virada para um prazer horrível, fechado em si próprio, viciosamente ansiando por uma insaciável abastança, viciosamente ansiando por tráficos de mercadorias, dinheiro, posições e honrarias, viciosamente ansiando pela solícita inactividade da posse. Havia por todo o lado alguém que metia qualquer coisa à boca, por todo o lado crepitava a cobiça, crepitava a avidez, desenraizada, pronta a saltar, tudo devorando, os seus vapores espalhavam-se chamejando por todo o convés, eram transportados com o compasso dos remos, incontornáveis, irremovíveis: todo o navio estava cercado pelas chamas da gula. Oh, eles bem mereciam que alguém uma vez os descrevesse como na verdade eles são! Deveria ser-lhes dedicado um canto da gula! No entanto para que é que isto servia?! O poeta nada consegue, não consegue dar remédio ao mal; só o escutam quando elogia o mundo, não quando o retrata tal como ele é. Só a mentira conduz à fama, não o conhecimento! E seria então possível imaginar que a *Eneida* tivesse podido obter um outro, melhor efeito? Ah, vão elogiá-la, porque elogiam tudo o que ele escreve, porque dela apenas tirarão o que realmente lhes convém, e porque não existe nem o perigo nem a hipótese de poderem ouvir advertências; ah, tinha-lhe sido vedada a possibilidade de se iludir a si próprio ou de se deixar iludir, conhecia demasiado bem este público que dedica tão pouca atenção ao trabalho difícil, atormentado pelo conhecimento, característico do poeta, como ao trabalho pleno de amargura e pesado de amargura dos escravos do remo, para quem tanto vale um como outro: um tributo devido ao usufrutuário, recebido e entregue como usufruto! Mas de maneira nenhuma eram apenas parasitas os que por ali em seu redor se espreguiçavam e ruidosamente comiam, se bem que o Augusto tivesse de suportar tantos deste género na sua corte, não, muitos destes já tinham realizado qualquer acto meritório e louvável, mas daquilo que outrora tinham sido tinham-se despido com um autodesnudamento verda-

deiramente voluptuoso durante a inactividade da viagem e só lhes tinha ficado o orgulho cego na gula crepuscular, nos seus gulosos crepúsculos. Lá em baixo, na obscuridade dos fundos, trabalhava, impulso após impulso, de modo gracioso, violento, como gado, sub-humano, a massa domesticada dos remadores. Os que lá estavam em baixo não o entendiam, não se preocupavam com ele, os que estavam cá em cima afirmavam que o veneravam, sim, até acreditavam nisso, enquanto, como lhe acontecia sempre, lhe era indiferente o facto de suporem apreciar a sua obra por hipocrisia pedante, ou de, não menos hipocritamente, lhe manifestarem a sua veneração enquanto amigo de César, ele, Publius Vergilius Maro, ele nada tinha em comum com eles, embora o destino o tivesse empurrado para o seu círculo, eles causavam-lhe repulsa e se a brisa costeira não tivesse começado a soprar, anunciando o pôr-do-sol, se não tivesse varrido do navio o fedor do banquete e da cozinha, o enjoo tê-lo-ia assaltado de novo. Certificou-se de que a mala com o manuscrito da *Eneida* estava intacta ao seu lado, e olhando a pestanejar para o astro que se afundava a ocidente puxou o cobertor até ao queixo: estava cheio de frio.

De vez em quando apetecia-lhe virar-se para a horda de gente barulhenta que estava lá atrás, em parte com curiosidade de saber o que ainda eram capazes de fazer; só que não se virava, e era melhor não se virar, e cada vez mais se convencia que tal movimento lhe estava vedado.

Assim deixava-se estar deitado calmamente. Os primeiros sinais do crepúsculo estendiam-se nitidamente pelo céu, estendiam-se delicadamente pelo mundo, quando chegaram à entrada mais estreita, semelhante a um rio, de Brindisi; mais fresco, mas também mais suave se tinha tornado o tempo, o ar salgado misturava-se com o ar mais rico da terra, e os navios, um após outro, reduzindo a velocidade, entravam no canal. Cinzento de ferro, da cor do chumbo se tornou o elemento de Poseidon, sem qualquer onda a encrespá-lo. Nas ameias dos castelos à esquerda e à direita do canal tinham sido colocadas, em honra do César, tropas de ocupação, também talvez como primeira felicitação de aniversário, porque Octávio Augusto regressava a casa para a festa de anos: dentro de dois dias, sim, já depois de amanhã, o dia devia ser festejado em Roma e o Octávio, que viajava à frente, ia completar 43 anos. Voavam roucos os gritos de saudações dos soldados da margem até aos navios, os porta-bandeiras erguiam, com movimentos bruscos, nas alas dos manípulos, acompanhando os gritos, bem alto, o vexilo vermelho, para logo de seguida o baixarem perante o soberano, o cabo oblíquo apoiado no solo, em resumo, o que se passava era a cerimónia extremamente sóbria de boas-vindas, tal como prescrevia o regulamento militar, certo da sua rudeza militar, e apesar de tudo estranhamente suave, singularmente crepuscular: quase se poderia descrevê-la como se fosse um sonho, de tal modo e tão